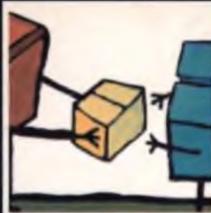


40
ano
UnB à frente



Lauro Morhy
organizador geral

Brasil em Questão

A Universidade e a
Eleição Presidencial



EDITORA

UnB

Ao completar suas primeiras quatro décadas de existência, a Universidade de Brasília (UnB) apresenta à sociedade *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, coletânea de artigos que pode ser definida como verdadeira imersão na realidade histórica, cultural, política e socioeconômica brasileira.

Esta obra é resultado dos debates desenvolvidos no âmbito do *Fórum Brasil em Questão*, rico e promissor diálogo orientado por um esforço de busca e superação de nossos desafios. Instalado em fevereiro de 2002, o *Fórum Brasil em Questão* trouxe, à UnB, durante cinco meses, 41 especialistas das mais diversas áreas para apresentarem e discutirem suas visões sobre temas estratégicos para o País

Brasil **em Questão**

**A Universidade e a
Eleição Presidencial**

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

Francisco César de Sá Barreto

Secretário de Educação Superior

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Conselho Diretor

Lauro Morhy – Presidente

Antônio C. de Matos Paiva

Carlos Alberto Rodrigues da Cunha

Carolina Martuscelli Bori

Flávio Rabelo Versiani

Inocência Mártires Coelho

Gileno Fernandes Marcelino

Jacques Rocha Velloso

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor: *Lauro Morhy*

Vice-Reitor: *Timothy Martin Mulholland*

Decano de Ensino de Graduação: *Michelangelo Giotto S. Trigueiro*

Decano de Pesquisa e Pós-Graduação: *Noraí Romeu Rocco*

Decana de Extensão: *Dóris Santos de Faria*

Decano de Administração e Finanças: *Érico Paulo Siegmar Weidle*

Decana de Assuntos Comunitários: *Thérèse Hofmann Gatti*

Laboratório de Estudos do Futuro: *Henrique de Sousa Novaes*

Assessoria de Assuntos Internacionais: *José Flávio Sombra Saraiva*

Assessoria de Comunicação: *Rodrigo Caetano*



Brasil em Questão

A Universidade e a Eleição Presidencial

Organizador Geral

Lauro Morhy

Co-organizadores

Marcos Formiga

Regina Marques

Adler Andrade

Tânia Costa

Universidade de Brasília

Laboratório de Estudos do Futuro/Gabinete do Reitor

Editora Universidade de Brasília

2002

Equipe Editorial:

Prof.ª. Dr.ª. Wânia de Aragão-Costa (Preparação de Originais)

Bel.ª. Carmem Galvão (Revisão)

Fernando Brandão e Franklin Cruz (Editoração Eletrônica)

Formatos Design Gráfico (Projeto Gráfico)

Formatos Design Gráfico (Capa e Aberturas sobre ilustrações de Richard Cook - *Getty Images*)

Copyright © 2002 by Editora Universidade de Brasília.

Impresso no Brasil.

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS Q. 02, Bloco C, N° 78

Ed. OK, 2° andar

70300-500 Brasília-DF

Tel: (0xx61) 226-6874

Fax: (0xx61) 225-5611

editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B823 Brasil em questão: a universidade e a eleição presiden-
 cial / Lauro Morhy (organizador). – Brasília : Editora
 Universidade de Brasília, 2002.
 512p.

ISBN 85-230-0700-8

1. Política – Brasil. 2. Governo: estrutura: política.
3.
Cidadania. I. Morhy, Lauro.

CDU – 32(81)

Agradecimentos

O trabalho coletivo é, sempre, resultado dos esforços de ponderável número de pessoas que se comprometem por acreditarem no objetivo final proposto. Somos gratos a todos que contribuíram para o êxito do Fórum *Brasil em Questão*.

Em especial, nosso reconhecimento aos palestrantes que ousaram apresentar e discutir questões inquietantes dos nossos dias, e propor caminhos para o Brasil.

Nominalmente, agradecemos ao grupo consultivo do Fórum: Adler Andrade, Amado Cervo, Antônio José Escobar Brussi, Benício Viero Schmidt, Cristovam Buarque, Dércio Munhoz, Dóris Faria, Érico Paulo Siegmair Weidle, Flávio Rabelo Versiani, Henrique de Sousa Novaes, Jacques Velloso, José Flávio Sombra Saraiva, José Geraldo de Sousa Júnior, Lúcia Mercedes de Avelar, Marcel Burstyn, Marcos Formiga, Michelângelo Giotto S. Trigueiro, Noraí Romeu Rocco, Pedro Tauil, Regina Marques, Rodrigo Caetano, Sophia Wainer, Tânia Costa, Thérèse Hofmann Gatti, Timothy Martin Mulholland, Vamireh Chacon, Viviane Coutinho Sabino.

Expressamos nossa gratidão aos colaboradores da Universidade de Brasília que ofereceram relevante apoio, sem o qual não teria sido possível a realização do Fórum *Brasil em Questão* e a publicação deste livro – especialmente Decanato de Ensino de Graduação; Decanato de Extensão; Decanato de Assuntos Comunitários; Departamento de Música/IDA; Cerimonial; Prefeitura do Câmpus; Assessoria de Comunicação; Assessoria de Assuntos Internacionais;

Centro de Informática; Núcleo de Multimídia e Internet do Departamento de Engenharia Elétrica, CPCE, Gabinete do Reitor, Editora da Universidade. Também agradecemos aos músicos que se apresentaram no início dos debates e à Escola do Futuro da USP.

LAURO MORHY
REITOR DA UNB

Sumário

APRESENTAÇÃO

Lauro Morhy 11

ABERTURA DO FÓRUM

Lauro Morhy 15

29 de fevereiro BRASILIDADE

Roberto Freire 21

Artur da Távola 31

Aspásia Camargo 37

Vamireh Chacon 47

10 de março BRASIL NO MUNDO

Samuel Pinheiro Guimarães 53

Oliveiros Ferreira 63

Amado Cervo 75

20 de março POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA

Márcio Pochman 85

André Urani 97

Cristovam Buarque 107

3 de abril A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL

Yeda Crusius 119

Luiz Pinguelli Rosa 129

Décio Munhoz 139

10 de abril SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO

Sergio Arouca 155

Marcos Helano Montenegro 167

Sebastião Viana 177

Pedro Tauil 185

17 de abril EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Roberto Vermulm 197

Sergio Rezende 207

João Batista de Oliveira 217

Lauro Morhy 231

24 de abril CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL
E VIOLÊNCIA

Guilherme de Almeida 239

Sueli Carneiro 245

Luiz Mott 253

Dóris Faria 261

5 de junho	A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA	
	Armando Mendes	275
	Maria Adélia de Souza	283
	Eduardo Suplicy	295
	Cristina Mac Dowell	307
	Marcos Formiga	321
19 de junho	MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA	
	Washington Novaes	351
	Marina Silva	361
	Edna Ramos Castro	371
	Marcel Burstyn	379
3 de julho	REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS	
	Ricardo Varsano	391
	Wilson Cano	405
	Vinícius Carvalho Pinheiro	433
	José Geraldo	447
17 de julho	A UNIVERSIDADE BRASILEIRA	
	Helgio Trindade	459
	Edson Franco	475
	Jacques Velloso	485
	Lauro Morhy	499



Saúde e saneamento básico

Sergio Arouca

Marcos Helano Montenegro

Sebastião Viana

Pedro Taül

10 de abril

Os Desafios da Saúde Brasileira

Pedro Tauil

O Brasil inicia o século XXI sem ter resolvido os problemas de saúde típicos de país subdesenvolvido e já enfrentando os problemas de saúde dos países desenvolvidos. A área de saúde reflete os dois “Brasis” que conhecemos: o Brasil rico e desenvolvido e o Brasil miserável, carente de bens e serviços essenciais para uma sobrevivência digna. As grandes endemias como malária, leishmanioses, tuberculose e hanseníase continuam afetando milhares de brasileiros anualmente. As doenças do sistema cardiovascular, o diabetes e as neoplasias, por outro lado, já ocupam um lugar de destaque na estrutura de morbidade e mortalidade do país. Associam-se a estes problemas aqueles decorrentes da violência urbana, os homicídios e os acidentes de trânsito e do trabalho, e os do abuso de drogas lícitas e ilícitas.

O nível de saúde de uma população depende de múltiplos determinantes e condicionantes. Na verdade, os mais importantes estão fora do próprio setor saúde, como a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, as condições de trabalho, a renda, a educação, o transporte e o lazer.

Pedro Tauil é Professor da Faculdade de Medicina Universidade de Brasília (UnB) na área de Medicina Social, é especialista em doenças tropicais, principalmente, dengue. Ex-Diretor do Departamento de Erradicação e Controle de Epidemias do Ministério da Saúde. Foi premiado por seus trabalhos realizados pela Organização Pan-americana de Saúde (Opas).

Alguns dados de natureza social, econômica e demográfica precisam ser analisados para que se possa compreender a importância destes fatores e estabelecer o conjunto de ações necessárias para a promoção, proteção e recuperação da saúde da população.

Aspectos Demográficos

Dados da Fundação IBGE apresentam aspectos relevantes para a compreensão dos problemas de saúde da população do Brasil, como um todo, mesmo sem considerar as marcantes diferenças regionais.

Nunca a população brasileira foi tão urbanizada. Mais de 80% dos brasileiros vivem hoje em cidades. A população feminina predomina: para cada 968 homens temos 1000 mulheres. A taxa anual de crescimento tem decrescido, ficando em 1,63% na última década. A taxa de fecundidade total também está em declínio. Em 2000, foi de 2,3 filhos por mulher em idade fértil, aproximando-se do nível de reposição populacional. A esperança de vida ao nascer aumentou para 64,8 anos entre os homens e 72,6 entre as mulheres. A proporção de menores de 5 anos caiu para 9% e a de 60 anos ou mais aumentou para 8%. A população brasileira, portanto, está envelhecendo, levando a um aumento da prevalência de doenças próprias das idades mais avançadas, em geral crônicas e de custo de assistência médico-hospitalar mais elevado. Por outro lado, a urbanização rápida e intensa trouxe para as cidades problemas graves de altas concentrações populacionais, de habitação e de saneamento básico. Hoje estes são fatores fundamentais na determinação do aumento da infestação pelo mosquito *Aedes aegypti*, com o conseqüente

aumento da incidência e da gravidade do dengue e risco de reurbanização da febre amarela. As altas densidades populacionais urbanas contribuem ainda para o aumento dos agravos por causas externas, entre elas os homicídios e os acidentes de trânsito, principais causas de morte de população masculina adulta, jovem, em grandes e médias cidades brasileiras.

Aspectos Econômicos

A economia brasileira está fortemente marcada, nestes últimos anos pela adoção do Plano Real em 1994, o qual manteve a inflação em nível relativamente bastante baixo e estável. Porém, o endividamento do setor público aumentou consideravelmente, chegando a 51% do PIB ao final de 2000, levando o País a uma maior dependência de recursos externos e a um crescimento econômico relativamente baixo para as suas necessidades. Se por um lado a população mais pobre ficou livre do “imposto inflacionário”, o reduzido crescimento econômico não aumenta suficientemente o nível de emprego. A concentração de renda nas camadas mais ricas tem crescido, ampliando o fosso social e as iniquidades na distribuição dos agravos e na assistência à saúde.

Aspectos Sociais

O Brasil, apesar de estar entre as maiores economias do mundo, ocupa um lugar pouco lisonjeiro, na classificação dos países pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU. Pode ser comparado com países com renda *per capita* 4 vezes menor. Nas regiões Sul e Sudeste, o IDH alcança valores dos

países mais desenvolvidos e no Norte e Nordeste, estes valores aproximam-se aos dos países mais pobres do mundo. Além das diferenças regionais, em cada uma das regiões constata-se a grande diferença de renda entre as faixas mais abastadas e as mais pobres da população. Na área da educação, tem melhorado significativamente a taxa de alfabetização, embora permaneçam ainda diferenças regionais importantes. O acesso à escola tem melhorado bastante, porém a média de anos de estudo ainda é insuficiente para atender às demandas do sistema produtivo moderno. Quanto ao saneamento básico, a população urbana difere bastante da população rural. A rede de abastecimento de água atinge cerca de 90% na área urbana, o sistema de esgotamento sanitário 74% e a coleta de lixo, 90%. Embora estes percentuais sejam elevados, há que se considerar que nem sempre apresentam a necessária regularidade de funcionamento e a água oferecida nem sempre é de boa qualidade.

A Situação de Saúde

Mortalidade

O sistema de mortalidade do Ministério da Saúde processou, em 1998, cerca de 80% dos óbitos ocorridos no país. Aproximadamente 15% foram de causas mal definidas, sendo o maior percentual na região Nordeste (29%) e o menor na Sul (7%), revelando maior falta de assistência médica naquela região. A mortalidade masculina foi maior (59% de todos os óbitos). Mais de 54% dos óbitos ocorreram em pessoas com 60 anos ou mais. A mortalidade proporcional de menores de um ano tem diminuído, alcançando 7,8% em 1998. A estrutura de mortalidade

proporcional por causas, excetuando-se as mal definidas, revela o predomínio em todas as regiões dos óbitos por doença do aparelho circulatório, responsáveis por um terço do total de óbitos. As neoplasias já ocupam o 2º lugar e as mortes por causas externas (homicídios, acidentes e suicídios) estão em 3º. A mortalidade infantil vem caindo em todas as regiões do país. Em 1998 foi de 33,1 óbitos por mil nascidos vivos, variando de 53,5 no Nordeste para 18,7 no Sul. Cerca de 60% dos óbitos ocorrem no 1º mês de vida e 47% na primeira semana. A principal causa são as afecções com origem no período perinatal, seguida pelas doenças infecciosas e pelas anomalias congênitas. O aumento da cobertura dos serviços de saúde, o estímulo ao aleitamento materno, as imunizações e o uso do sal de hidratação oral são os grandes responsáveis pela redução da mortalidade infantil no Brasil. Infelizmente esta redução não foi devida à melhoria das condições estruturais de vida das populações mais pobres.

Morbidade

Entre as 12 milhões de internações registradas nos hospitais do Sistema Único de Saúde, em 1999, 25% são decorrentes de causas ligadas à gravidez, parto e puerpério. As doenças infecciosas ocupam o 2º lugar (16,7%), seguindo-se as doenças do aparelho circulatório (9%), digestivo (8%), respiratório (7,5%) e geniturinário (6%). Nas regiões Norte e Nordeste as internações por doenças infecciosas superam as do Sul e Sudeste, onde predominam as internações por doenças do aparelho circulatório, as neoplasias e os transtornos mentais.

A **malária** é ainda um grave problema de saúde pública na Amazônia. Mais de 99% dos casos ocorrem naquela região. Em

1999, chegou-se ao maior número de casos registrados nos últimos 40 anos (632 mil casos novos). Em 2000 e 2001, um plano de intensificação das ações de controle da doença tem conseguido reduzir significativamente a sua incidência em mais de 40%. A mortalidade por malária também está em decréscimo, pela redução de suas formas mais graves.

O **dengue** re-emergiu no Brasil, em 1982, depois de quase 60 anos sem registro da doença. Quatro grandes epidemias ocorreram desde então: em 1986/87, em 1990/91, em 1995 a 1998 e esta que estamos vivendo em 2001/2002. A sua incidência hoje concentra-se no Estado do Rio de Janeiro e em alguns estados do Nordeste, porém alcança praticamente todos os estados em menor intensidade. A infestação pelo mosquito *Aedes aegypti*, vetor do dengue e da forma urbana da febre amarela, abrange mais de 3500 municípios e a sua eliminação, como ocorrida na década de 1950, parece uma tarefa cada vez mais difícil, em virtude da complexidade da vida urbana.

A **doença de Chagas** encontra-se sob controle, com expressiva redução da sua transmissão natural, graças a um programa de combate aos principais vetores da doença. Em inquéritos sorológicos realizados na década de 1990, entre 245 amostras de sangue de escolares examinadas, apenas 0,13% encontram-se infectadas. Porém, ainda temos muitos doentes que demandam serviços de saúde em busca de tratamento de seus problemas cardíacos ou digestivos decorrentes da infecção adquirida no passado mais remoto.

A **esquistossomose** ainda é endêmica no Nordeste e em Minas Gerais e Espírito Santo. Porém, o número de óbitos e de formas graves está em franco decréscimo, graças a uma ação de diagnóstico e tratamento precoces, que precisa ser mantida e ampliada de forma descentralizada.

O **calazar ou leishmaniose visceral** tem se urbanizado no Brasil, com número crescente de casos, atingindo atualmente cerca de 4 mil por ano, com mais de 80% deles no Nordeste. Recentemente, houve casos em cidades como Belo Horizonte, Montes Claros (MG) e Araçatuba (SP).

Entre as **doenças evitáveis por vacina**, desde março de 2000, não há registro de sarampo no Brasil. A poliomielite está eliminada desde 1989. A incidência do tétano neonatal está em declínio há mais de uma década. A ocorrência de tétano acidental, difteria e coqueluche está igualmente em declínio. O Programa Nacional de Imunização tem tido um grande êxito, estabelecendo estratégias descentralizadas de vacinação, alcançando altas coberturas vacinais.

A **tuberculose** continua registrando cerca de 80 mil casos anuais e a **hanseníase** mais de 40 mil casos novos por ano.

A **SIDA/AIDS** continua sendo a principal doença emergente em nosso país e no mundo. Mais de 20 mil casos novos são registrados anualmente. A razão de sexo alterou-se em relação ao início dos anos 80: uma mulher para dois homens.

A prevalência da **obesidade** tem aumentado em todas as regiões, faixas etárias de ambos os sexos e em todas classes de renda. O estilo de vida em população urbana, com vida sedentária e dieta rica em gordura e hidrato de carbono contribui para este aumento. Ironicamente, ainda se enfrenta carências nutricionais específicas, principalmente as deficiências de ferro e de vitamina A e quadros de subnutrição proteico-calórica

As doenças do envelhecimento populacional, entre elas o **diabetes mellitus**, a **hipertensão arterial**, as **doenças isquêmicas do coração**, os **acidentes vasculares cerebrais** e os **tumores malignos** aumentam sua prevalência, exigindo um sistema de assistência à saúde mais complexo, com medicação continuada,

exames laboratoriais periódicos, internações mais freqüentes e de custos mais elevados.

Organização do Sistema de Saúde

Para enfrentar toda esta complexidade de problemas, o Brasil vive hoje o processo de implantação e implementação do **Sistema Único de Saúde, (SUS)** estruturado na Constituição de 1988 e resultado de um movimento pela reforma sanitária no País que se iniciou desde os anos 70. Considera-se que seja o sistema mais racional e equânime para atender à população brasileira, apesar de todos os obstáculos que encontra para atingir seu pleno funcionamento. Tem como princípios a universalização do atendimento, a descentralização das ações e a direção única em cada nível de governo. As competências de cada esfera do poder já estão bem definidas, assim como os mecanismos de financiamento e transferência de recursos. Busca-se um controle social deste sistema por meio de conselhos de saúde, com participação crescente da população organizada. Porém, os recursos financeiros são ainda insuficientes e sua gestão ainda não está otimizada. Se na área de assistência à doença o SUS já se encontra bem avançado na sua implantação, na área de controle de endemias só recentemente está se definindo.

Principalmente para a grande maioria da população brasileira, que não pode arcar com as despesas de um plano de saúde, o SUS é a única esperança de conseguir que seus direitos à saúde sejam garantidos.

O setor privado da saúde é marcado cada vez mais pelos planos de saúde de diferentes modalidades. Estima-se que mais de 40 milhões de brasileiros dispõem hoje de planos coletivos ou

individuais, os quais só recentemente estão sendo submetidos a uma regulação legal.

Um grande movimento de ampliação da cobertura de assistência à saúde tem se desenvolvido no Brasil nos últimos anos, o que poderá reformular o atual modelo assistencial, constituindo-se na porta de entrada do sistema, facilitando o acesso aos serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde. Trata-se dos programas de **agentes comunitários de saúde e da saúde da família**. Ainda em fase de estruturação, já apresentam resultados satisfatórios na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças imunopreveníveis. Porém, carecem de uma política de contratação de recursos humanos condizente com sua importância.

Esta é uma visão muito rápida e superficial da situação de saúde no Brasil. Muitos desafios existem para que um dia possamos oferecer a população brasileira serviços de saúde que atendam em quantidade e qualidade suas necessidades.

Impressão e Acabamento:



SIA TRECHO 3 LOTE N° 1760

Fone: (0xx61) 362-0008 / Fax: (61) 362-7476

e-mail: quick@gns.com.br

contemporâneo.

As discussões ali realizadas certamente não esgotaram a complexidade dos temas. Contudo, como lembra o reitor Lauro Morhy, *Brasil em Questão* “é um meio e, não, um fim. É um bom começo para despertar outras consciências, mentes e corações, pensando e pulsando Brasil”. É desse debate que o leitor é convidado a participar.

Com a publicação, em 2002, de *Brasil em Questão: a Universidade e a Eleição Presidencial*, a UnB cumpre, mais uma vez, seu compromisso histórico de contribuir para a reflexão sobre as alternativas e projetos para o nosso País.

BRASILIDADE • Roberto Freire • Artur da Távola • Aspásia Camargo • Vamireh Chacon • **BRASIL NO MUNDO** • Samuel Pinheiro Guimarães • Oliveiros Ferreira • Amado Cervo • **POLÍTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA** • Márcio Pochman • André Urani • Cristovam Buarque • **A INFRA-ESTRUTURA NACIONAL** • Yeda Crusius • Luiz Pinguelli Rosa • Dércio Munhoz • **SAÚDE E SANEAMENTO BÁSICO** • Sergio Arouca • Marcos Helano Montenegro • Sebastião Viana • Pedro Tauil • **EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA** • Roberto Vermulm • Sergio Rezende • João Batista de Oliveira • Lauro Morhy • **CIDADANIA, EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA** • Guilherme de Almeida • Sueli Carneiro • Luiz Mott • Dóris Faria • **A DIVERSIDADE REGIONAL BRASILEIRA** • Armando Mendes • Maria Adélia de Souza • Eduardo Suplicy • Cristina Mac Dowell • Marcos Formiga • **MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, AMAZÔNIA** • Washington Novaes • Marina Silva • Edna Ramos Castro • Marcel Burstyn • **REFORMAS ESTRUTURAIS PARA O PAÍS** • Ricardo Varsano • Wilson Cano • Vinícius Carvalho Pinheiro • José Geraldo de Sousa Júnior • **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA** • Helgio Trindade • Édson Franco • Jacques Velloso • Lauro Morhy